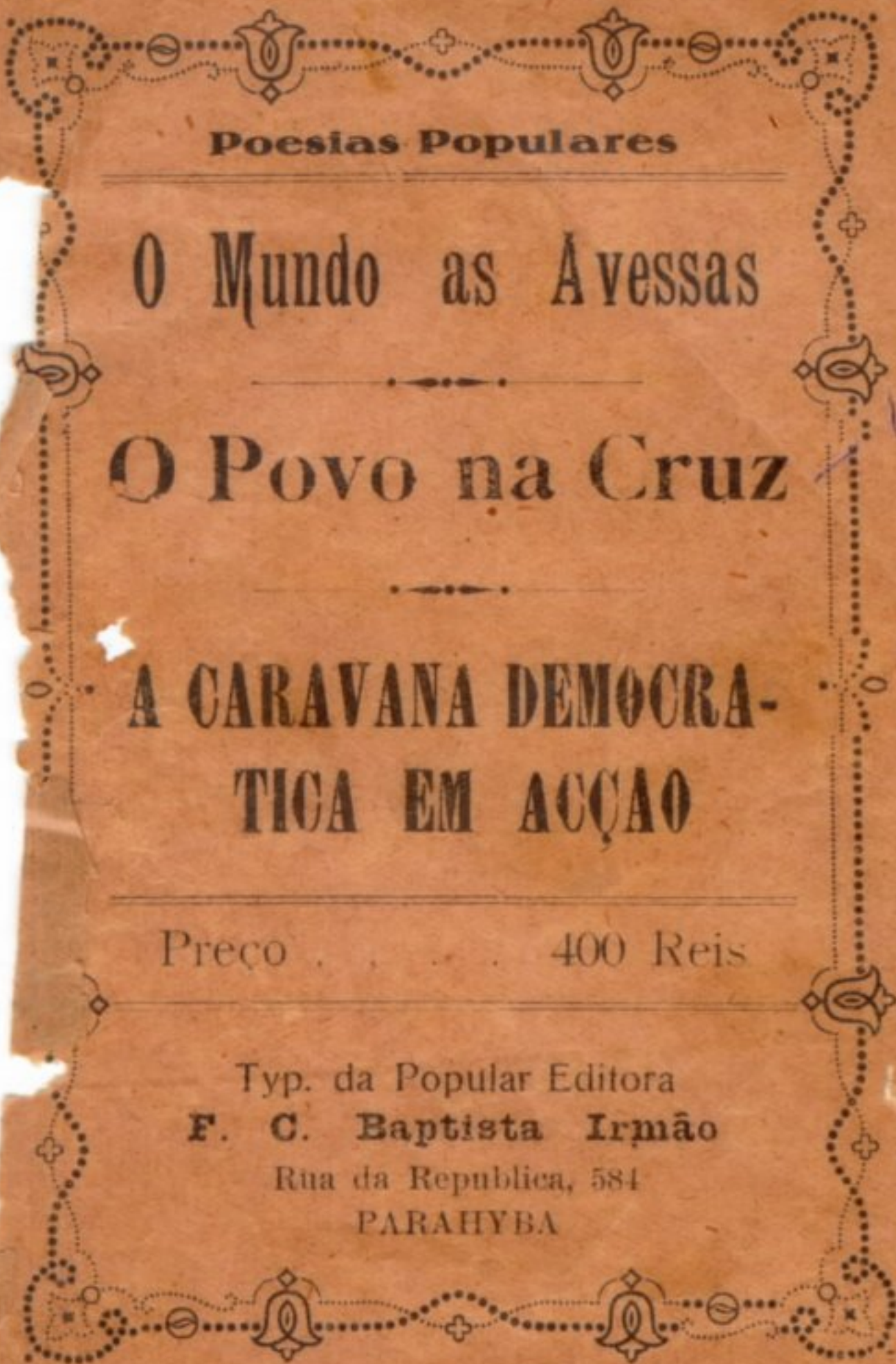


A. J.



Poesias Populares

O Mundo as Avessas

O Povo na Cruz

**A CARAVANA DEMOCRA-
TICA EM ACCAO**

Preço 400 Reis

Typ. da Popular Editora
F. C. Baptista Irmão
Rua da Republica, 584
PARAHYBA



O Mundo as

avessas

O mundo era uma obra
Que não faltava uma peça,
Tudo que havia era bom
Porque tudo assim confessa,
Foram ver se endireitavam
Ficou assim as avessas.

Antigamente este mundo
Tinha como presumpção
De castigar quem se pegasse,
Com qualquer roubo na mão.
Os homens hoje castigão
Quem descobrir um ladrão.

Eu creio que o mundo foi bom,
Tudo mudou-se depois,
Quem salvava em outro tempo,
Hoje é o primeiro algoz,
Não vê-se em linha de ferro
Carros conduzindo os bois?

Disse-me um velho que mora
Na Parahyba do Norte:
Vio a desgraça queixar-se
Do caiporismo da sorte:
Vio a doença doente,
Vio mesmo morrer a morte.

Vio dor de dente gemer
Porque doia-lhe um dente,
Cabeça de dor de cabeça,
Doendo damnadamente,
Vio callos nos pés dos callos,
Vio a demencia demente.

Eu conversando isto
Com grande admiração,
Então disse-me outro velho,
Que este anno em Santo Antão,
Deu bexiga nas bexigas
E deu febre na sezão.

E são tantos os phenomenos,
Tantos exemplos e factos
Quem não morrer breve vê,
Guabirú comer os ratos,
Criar-se bobe no mar
E criar-se peixe nos matos.

Tudo hoje me faz cres
Que este mundo está mudado,
Porque tem se dado cousas

De que fico admirado.
Um dia deste um fiscal,
Queixou-se que foi multado

Outrora quem tinha febre,
Não se podia molhar,
Pois se molhando corria
Perigo de estuporar.
Hoje tendo muita febre,
Se molha para escapar.

Nesse tempo qualquer noivo,
Casava sem atropelo,
Vinha um crucifixo ao acto.
O padre havia benzel-o,
Hoje o padre é um juiz,
Em vez de imagem é o sello.

Outrora os filhos diziam
Que só ás mães tinham amor,
Eu dizendo isso a uma
Ella disse: não senhor.
Um filho nascendo em paz,
A mãe lhe deve um favor.

O cemiterio se fecha,
Ninguem vê mais um doente,
A morte desaparece,
Do mal se perde a semente
Mas o mundo ha de crescer
Senão não cabe mais gente.

Dizem que na Parahyba,
Muitos casos foram dados,
Os criminosos nas villas,
Teem prendido soldados.
Com pouco sellam-se os homens
E cavallos andam montados.

No estado de Alagôas,
Foi claro para se ver,
Segundo diz o jornal
Em que nós devemos crer,
Um menino fez discurso,
Um mez antes de nascer.

Só nos falta ver agora
O crime na innocencia,
Bôas obras no diabo,
E cego com paciencia,
Um padre sem interesse,
Velho sem experiencia.

Eu vi um velho no sui,
Que estava muito contente,
Porque estava engatinhando
Esperava certamente
Visto estar tudo as avessas
Nascer-lhe ainda algum dente.

Só nos falta ver agora
Dor de cabeça no braço,
Hemorrhoidas na cabeça,

Unheiro no espinhaço,
Dor de dente nas orelhas,
Festa de natal em março.

Disse-me um velho: que viu,
Um porco fazendo feira,
Um gato vendendo tripa,
Um aruá na carreira,
Viu um domingo de paschoa
Cahir n'uma quinta-feira.

Esse mesmo disse que vio,
Emboá com suspensorio,
Um bode tirar novena,
Mosca tomar vomitorio
Burro como guarda-livro,
Morcego com escriptorio.



O povo na Cruz

13

Alerta, Brazil, alerta !
Disperta o somno pezado
Abre os olhos que verás
Teu pavo sacrificado
Entre peste, fome e guerra
De tudo sobressaltado.

O brasileiro hoje em dia
Luta até para morrer,
Porque depois d'elle morto
Tudo nelle quer roer,
De forma que até a terra
Não acha mais que comer.

A fome come-lhe a carne
O trabalho gasta o braço
Depois o governo pega-o
Ha de o partir a compasso
Alfandega, Estado, Intendencia
Cada um tira um pedaço.

O medico cobra a receita
O boticario a meizinha
O juiz confisca logo
Alguns bens se acaso tinha
Inda ficando uma parte
Diz a Intendencia, é minha.

—7—

Assim morre o brasileiro
Como o bode exposto á chuva,
Tem por direito o imposto
E palmatoria por luva,
Familia só herda d'elle
Nome de orphão e viuva.

Morrendo um pobre diabo
Se acaso deixar dinheiro
Ainda deixando um filho
Este não é seu herdeiro
Só herda d'elle o juiz
O escrivão o coveiro.

E o governo bem vê
Nossos martyrios crueis
Só faz é nos botar selo
Da cabeça até os pés,
Diz de manhã morre um
Ao meio-dia nascem dez.

E grita vá o imposto
Morra quem estiver doente
Morrem cem nascem dez mil,
O Brazil tem muita gente
O tempo vai muito bom
Toca o banquete p'ra frente.

O governo estraga o pão
Dizendo não custou nada
Dinheiro nasce no matto,

Acha-se em qualquer estrada
Vendo o mendigo morrer
Com fome ao pé da escada.

Porque o pobre infeliz
A quem a fome deu cabo
Diz o prefeito morreu
Pode levar o diabo
Diz o coveiro: de graça
A sepultura não abro.

São essa as garantias
Que competem ao brasileiro
Ter fome em cima do pão
Ser pobre tendo dinheiro
Ser mandado pelos servos
Isto causa desespero

Como vive o brasileiro
Com tres impostos a pagar
Um corpo com tres feridas
Como assim pode escapar?
Um ser escravo de tres
Se acaba de trabalhar.

São tantas as perseguições
Dos impostos que se paga
Que um fiscal p'ra nação
Não póde haver maior praga
E' como bala de rifle
Onde vai fura ou esmaga.

Não ha mesmo quem resista,
Estes impostos d'agora
Diz o governo que tem
Quer morra tudo em u'a hora?
Quando o morto se acabar
Eu boto o bagaço fóra.

E se não houver inverno,
Como o povo todo espera,
De Pernambuco não fica
Nem os esteios da trapera,
Parahyba fica em nada
Rio Grande desespera.

O Rio de Janeiro, hoje
Parece um grande condado,
Ri-se o rico, chora o pobre
Lamentando o seu estado
Diz o governo eu vou bem,
Tudo vai do meu agrado.

São Paulo para o governo
E' primor da criação,
Eu o acho parecido
Com sitio da maldição,
Aquelle que Judas comprou
Com o ouro da traição.

Filho de chefe politico
Inda bem não é gerado
Diz o pai minha mulher

Ja tem no ventre um soldado
Mas antes de sentar praça
En o guero reformado.

Assim antes de ser casa,
Já podia ser tapera,
Ou cajù que antes da fructa,
Já a semente prospera
Ou é raça de pescada
Que antes de ser já era.

Nosso Pernambuco velho
Ha annos anda caipora,
Vendo-se a hora e a instante
Que a capital vai embora
O governo está marcando
Em botar-lhe o bagaço fôra.

Parahyba coitadinha!
Já perdeu toda esperança,
E' mesmo que uma boneca
Nas unhas d'uma creança,
Faz toda suplica ao governo
Mas puplica e nada alcança.

Em que hoje está tornado
O paiz de Santa Cruz!
Está igual a mariposa
No calor do fogo ou luz,
O brasileiro é um verme,
O estrangeiro é mastruz.

O Brazil hoje só presta,
Para inglez padre e soldado,
Medicos, feiticeiros e brabos,,
O mais vive acabrunhado,
De fôrma que fica o mundo,
Por estes só situado.

O rico matando o pobre,
Nem se recolhe a prisão,
Diz logo o advogado,
Matou com muita razão
Se passa um mez na cadeia,
Tem a gratificação.



A Liberdade offerecida ao povo,
pela democracia em acção em
todo o Brasil

Surgiu o sol no horisonte
Com raios de oiro a brilhar,
Com a libeadade nas mãos
Pelo Brasil a espalhar . . .
Foi subindo e semeando,
E o povo em geral gritando:
Está livre a nossa irmandade;
Dizem os bosques a os oiteiros
Dizem os valles aos ribeiros:
—Nasceu hoje a liberdade.

Traz-nos ella as chaves de oiro
Que abrirão as correntes
Tirando do carcere negro
Condenados innocentes!
Trará nas mãos a virtude
De restarrar a saúde
Do Brasil, que causa dó! . . .
Que livre de um poder barbaro
Resurgirá, como Lazaro
Surgiu da fenda do pó.

Morrerão com os oligarchas
As tiranias de outrora
O que hontem erra escravo
E' cidadão livre agora;
Bate no peito e diz sou

—13—

Livre qual Deus me creou
Não reconheço mais jugo!
Sou livre, sou cidadão;
O governo da nação
Não será mais meu verdugo.

Vive qual cego sem guia
A politica brasileira
Trazendo presa nas mãos.
Os trapos de uma bandeira
O echo da dor subiu
Jehovah do ceu ouviu
E do Brasil teve dô, . . .
E Assis e Mauricio então
Vêm como Moysés e Aarão
No tempo de Pharaó

Viu-se em vinte e dois de julho
Do anno de vinte e quatro
Com a revolução paulista
Da scena o primeiro acto;
Foi um dia de festim
O céu de em azul setim,
Parecia dizer:—bravos!
E os que na luta tombaram,
As almas que aos céos mandaram
Não foram almas de escravos.

Qual uma luz que se apaga
Cairão os politiqueiros,
E jamais enricarão

A' custa dos brasileiros...
Todos gosam liberdade,
Perante a sociedade
Não pode haver distinção;
Está o Brasil satisfeito
Por ver hoje ter direito
Todos da sua nação.

Queime-se agora o azourague
Que devora o infeliz
Destruam-se as geladeiras
Que humilham este paiz.
Criem ferrugem os guilhões,
Feixem-se as duras prisões
Que tem o povo captivo
Corte-se o imposto que mata;
E um governo democrata
Diga ao paiz: inda és vivo!

Amanhã terão os homens
Todos o mesmo conceito,
E pra todos chegará
Justiça, lei e direito.
O jeca do alto sertão
Que planta o milho e o feijão
Tambem poderá votar
Porque com o voto secreto
Prestes—o grande insurrecto
Pode o Brasil governar.

Graças a Deus que chegou
O Anjo da abolição,
Semeando a liberdade
Na terra da promessa;
Plantou a arvore da vida
Que éra desconhecida
No paiz da crueldade.
Vai essa arvore fraudando
E os frutos que vão brotando
São paz, amor, liberdade.

Lave-se a mancha nojenta
Que infama a nossa nação
Que tem de politica o nome,
E que faz-nos ficar ladrão;
Que veja o paiz visinho
Que o Brasil ja não é ninho
Do politico explorador,
Que o governo é democrata,
E que ao povo do paiz trata
Com justiça paz e amor.